

O Projeto Telenfermagem  
apresenta...

Volume 6, Número 6

Dezembro 2018

# Momento Telessaúde

## PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE

A BIODIVERSIDADE BRASILEIRA

### CONTEXTO HISTÓRICO DA PIC

“A prática integrativa está direcionada para promoção da saúde e desde a sua implantação, o acesso dos usuários do SUS a essas práticas tem crescido exponencialmente.”

Página 2 e 3

“...o Brasil tem o maior número de espécies diferentes de animais e de plantas. Então nós temos uma responsabilidade imensa de cuidar desse patrimônio todo”

Página 6 e 7



Ilustração: Emanuely Cardoso

### A TERAPÊUTICA COM A ACUPUNTURA

“É muito empregada para o tratamento da dor porque é o recurso terapêutico que apresenta o maior número de evidências clínicas produzidas no meio da saúde.”

Página 4 e 5

# Práticas Integrativas: história, conceito e paradigmas

Gelza Nunes fala sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares.

A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) foi publicada em 2006 e instituiu no Sistema Único de Saúde (SUS) abordagens de cuidado integral a população por meio de outras práticas que envolvem recursos terapêuticos diversos. Essa política traz diretrizes gerais para incorporação das Práticas Integrativas e Complementares (PIC) nos serviços de saúde. A enfermeira Gelza Nunes, coordenadora das práticas integrativas e complementares da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, explica que no Brasil, em virtude da crescente demanda da população brasileira, por meio das Conferências Nacionais de Saúde e das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde aprovou as práticas integrativas complementares, no SUS contemplando as áreas de homeopatia, plantas medicinais e fitoterapia, medicina tradicional chinesa/acupuntura, medicina antroposófica e termalismo social/crenoterapia, promovendo a institucionalização destas práticas.

“A prática integrativa está direcionada para promoção da saúde e desde a sua implantação, o acesso dos usuários do SUS a essas práticas tem crescido exponencialmente. Essas ações de cuidados transversais podem ser realizadas na atenção básica, média e alta complexidade”, declarou.

Gelza aponta que as PIC disponíveis no SUS são ofertadas à população de Minas Gerais. No estado, medicina tradicional chinesa, terapia comunitária, dança circular/biodança, yoga, massagem, auriculoterapia, massoterapia, arteterapia, meditação, musicoterapia, tratamento termal,



Dr. Gelza Nunes

acupuntura e reiki são as práticas oferecidas na Atenção Básica para o tratamento de usuários do SUS, em 564 municípios.

Acrescenta que em 2017, foram registrados mais de 105 mil atendimentos individuais no estado e que em 2018, o Ministério da Saúde fez a inclusão de 10 novas práticas integrativas no SUS, totalizando 29 PIC. “As 29 práticas integrativas e complementares oferecidas no Sistema Único de Saúde são: ayurveda, homeopatia, medicina tradicional chinesa, medicina antroposófica, plantas medicinais/fitoterapia, arteterapia, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa, termalismo social/crenoterapia, yoga, apiterapia, aromoterapia, bioenergética, cromoterapia, constelação familiar, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, ozoniterapia e terapia de florais”, enfatizou.

Gelza esclarece que as evidências científicas têm apresentado os benefícios do tratamento integrado entre medicina convencional e práticas integrativas e complementares. Considerando a maior valorização dos conhecimentos sobre as PICS, existe um número crescente de profissionais capacitados e habilitados para trabalhar com essas práticas.

“As terapias estão presentes em 88% dos serviços de saúde no âmbito nacional e atualmente, a acupuntura é a mais difundida com atendimentos e consultas individuais, seguido da prática de Medicina Tradicional Chinesa com o taichichuan e liangong. As demais práticas utilizadas pelos usuários são: auriculoterapia, yoga, dança circular/biodança, entre outras”, comenta.

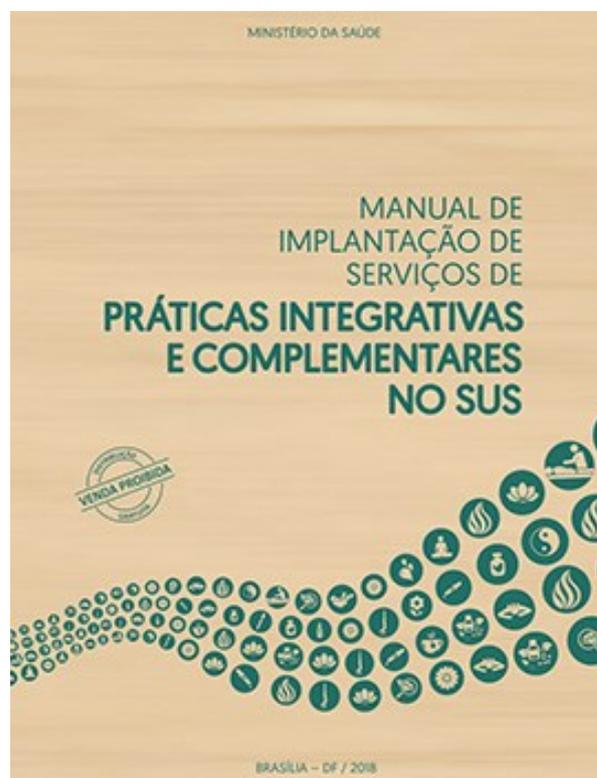
Este ano o Ministério da Saúde trouxe profissionais para a SES/MG, a fim de oferecer um curso sobre as PICS, na modalidade a distância e presencial, capacitando 430 profissionais do SUS de Minas Gerais. A proposta desta capacitação consiste em oferecer este curso anualmente.

“Outro aspecto que merece ser tocado diz respeito ao processo de implantação das PICS nas unidades de saúde dos municípios de MG, pois parte da decisão do gestor Municipal. Sendo assim, devemos desenvolver as ações de divulgação e informação dos conhecimentos das PICS para os profissionais de saúde, gestores e usuários do SUS. Acrescento ainda que os gestores devem ser sensibilizados quanto ao desenvolvimento de estratégias de qualificação em PIC para profissionais do SUS, considerando as diretrizes essenciais para a implantação da PNPIC, no que diz respeito a estruturação e fortalecimento da atenção em PIC no SUS, mediante sua inserção em todos os níveis de atenção com ênfase na atenção básica, no desenvolvimento multidisciplinar, na implantação de

ações e fortalecimento do que já existe, estabelecimento de mecanismos de financiamento, elaboração de normas técnicas e operacionais e a articulação com a Política Nacional de Atenção à Saúde dos povos indígenas e demais políticas do Ministério da Saúde”, enfatiza a enfermeira.

Gelza conclui que as PICS não são prescritas nem para o paciente e nem para o gestor, então ela não é obrigatória. Parte de uma demanda interna no serviço de saúde, somado ao valor que o profissional dá a estas práticas. Muitas vezes a falta de conhecimento das PIC e da própria PNPIC tem favorecido o modelo biomédico por parte dos gestores. As PICS integradas ao SUS são complementares ao tratamento convencional e à melhoria da qualidade de vida das pessoas e podem contribuir para a promoção da saúde da população brasileira.

## Leitura Recomendada



Fonte: [http://dab.saude.gov.br/portaldabbiblioteca.php?conteudo=publicacoes/manual\\_implantacao\\_servicos\\_pics](http://dab.saude.gov.br/portaldabbiblioteca.php?conteudo=publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics)

# Medicina Tradicional Chinesa

Professor Bernardo Diniz esclarece sobre a acupuntura destacando que esta terapêutica traz grandes benefícios para a saúde.

Segundo o Professor Bernardo Diniz Coutinho, do Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal do Ceará (DEFisio/UFC) a acupuntura pode ser entendida como um método ou como um simples recurso terapêutico técnico “Como método ela é um conhecimento e uma prática em saúde que trabalha tanto o diagnóstico como o tratamento dos desequilíbrios funcionais, seja esse desequilíbrio funcional na perspectiva vitalista, através da energia vital, seja na perspectiva neurofisiológica, através de funções dos órgãos e sistemas da nossa anatomia normal, então, esse é o método, como a acupuntura, ela tem uma explicação própria para saúde-doença, é uma forma de diagnóstico desse distúrbio e uma forma de tratamento”.

Bernardo destacou, ainda, que pensando a acupuntura como técnica, esta consiste em uma simples estimulação com a agulha no corpo humano que desencadeia respostas de acordo com a proposta do tratamento. Pode se empregar outras técnicas da medicina tradicional chinesa como, a pressão dos dedos, correntes elétricas, laser, ímãs (como recurso chamado morsha bustão) e massagens.

De acordo com ele, a formação em acupuntura no Brasil existe pelo menos desde a década de 50 com Friedrich Speff, que foi o patrono da acupuntura no Brasil. “A acupuntura chegou ao Brasil em 1900 com os imigrantes chineses, japoneses, porém, essas colônias eram fechadas e eles não divulgavam a prática da acupuntura e não ensinavam pra quem não fosse da sua colônia. Friederich Speff, que é um fisioterapeuta e massoterapeuta austríaco, aprendeu acupuntura na Europa. Ele es-



Professor Bernardo Diniz e discente Raphael Magalhães

tava fugindo da guerra na Europa e veio para o Brasil na década de 50 e aí começou a clinicar e fazer a primeira formação de profissionais em acupuntura, que foi concluída em 1958. Sendo assim, esse foi o primeiro curso de formação em acupuntura”. Bernardo destaca que em Belo Horizonte existem muitas escolas de referência e essa formação segue parâmetros do Ministério da Educação e determinações da Organização Mundial da Saúde. “O curso de acupuntura é realizado ao longo de dois anos, com uma carga horária maior que 1900 horas, apresentando uma matriz curricular, com temas e conteúdos que devem ser trabalhados. Essa matriz perpassa pelo pensamento auiستا da medicina tradicional chinesa, da energia do Chi, do Yin Yang, dos Yang Fu, de diagnósticos de língua, de pulso, até a sua correspondência com a biomedicina e o modelo anatômico fisiológico normal” descreve o professor. Bernardo destaca que a acupuntura tem ganhado grande destaque principalmente

com problemas de saúde relacionados à dor. "Ela é muito empregada para o tratamento da dor porque é o recurso terapêutico que apresenta o maior número de evidências clínicas produzidas no meio da saúde. Hoje se você fizer uma busca em alguma base de dados igual a Pubmed e lançar o seu descritor em inglês, chamado acupuntura, você vai encontrar mais de 28.000 trabalhos publicados em acupuntura. A acupuntura pode ser utilizada pra uma gama enorme de condições como distúrbios respiratórios, distúrbios emocionais, distúrbios gastrointestinais, tratamento de infertilidade e até mesmo da má posição e do mau posicionamento fetal no útero".

O professor relata que a acupuntura, assim como qualquer outra capacitação em saúde, exige uma formação adequada, estudo constante e pesquisa. Enfatiza que "apesar da acupuntura parecer ser simples, não é só inserir a agulha no corpo: eu preciso saber qual a forma de estimulação correta; em qual ponto que eu vou desencadear melhor os efeitos; que efeitos acontecem no corpo com essa estimulação; quais condições clínicas respondem melhor ao tratamento com acupuntura, tanto pensando em melhoras de sintomas, como em melhora da funcionalidade e da qualidade de vida." Segundo Bernardo o grande desafio é a acupuntura não estar inserida nos cursos de graduação da saúde e nem nos cursos de pós-graduações das instituições públicas de ensino, sendo a sua formação predominantemente em escolas privadas. "A sua não inserção em instituições de ensino superior, principalmente públicas, nos cursos lato sensu e stricto sensu são o principal entrave para a formação e a capacitação dos profissionais em acupuntura."

Segundo Bernardo Diniz, a acupuntura tem um caráter institucional, no próprio Departamento da Atenção Básica/ Ministério da Saúde que elabo-

ra materiais, folders, campanhas de mídia e eventos. "A rede Prática Integrativa e Complementares (PIC) é um movimento de atores sociais em práticas integrativas que faz divulgação das práticas nas redes sociais: whatsapp, facebook e instagram. As instituições de ensino superior com os departamentos, vêm divulgando as PIC nos programas de extensão, junto aos alunos, eventos científicos. E essa informação de um jeito ou de outro acaba chegando a população, que precisa conhecer sobre a PIC, aprender a confiar e acreditar. Por isso que é importante institucionalizar as PIC dentro das universidades, porque pelo menos a gente tem ali um padrão de qualidade na hora de transmitir a informação junto a população. Sendo assim, vejo a universidade como mediadora entre Ministério de Saúde, políticas públicas e usuários", enfatiza.

O professor destacou, ainda, que a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares não prevê financiamento para as PIC e sim a implementação, quem são os profissionais que podem trabalhar e como devem trabalhar. "A prática integrativa é mais realizada por mérito do próprio profissional que está na assistência. Esse profissional que faz a formação começa a complementar a sua abordagem com as PIC ou então tirar alguma hora, na sua rotina de trabalho para empregar a prática na sua assistência. Essa implementação da PIC na assistência passa por uma articulação entre o gestor e os membros da equipe. Então na verdade as PIC acontecem no SUS por financiamento dos próprios profissionais que estão na ponta", conclui.

# Fitoterapia e plantas medicinais

Professora Maria das Graças Lins Brandão, destaca a importância do conhecimento das espécies de plantas medicinais.

“A OMS estimula os profissionais da saúde a buscarem o saber técnico a respeito das plantas principalmente nos países como o Brasil que possui uma vasta sociodiversidade, onde o uso popular e o tradicional é muito intenso”, destaca Maria das Graças Lins Brandão, professora associada do Depto. de Produtos Farmacêuticos da Faculdade de Farmácia/UFMG e coordenadora/ curadora do DATAPLAMT – Banco de Dados e Amostras de Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas, sediado no Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) da UFMG. Ela aponta que o profissional de saúde tem que ser aquele balizador que vai levar informações científicas sobre a eficácia e o uso dessas plantas.

Acrescenta que o uso de plantas para determinados fins acontece desde os primórdios da humanidade, como a *Ginkgobiloba*, que é uma planta que existe desde a época dos dinossauros e apesar das interferências na humanidade, até hoje é bastante estudada. Segundo Graça, há algumas décadas cientistas descobriram que essa planta possui alguns efeitos importantíssimos como, proteger os vasos sanguíneos cerebrais e apresentar um efeito preventivo para Alzheimer.

“Outros exemplos são os alquimistas que desde a idade média sabiam que determinada planta tinha um efeito e outra planta tinha outro efeito e faziam experiências destilando as plantas. Ou seja, desde a antiguidade havia o interesse em descobrir porque determinada planta tem um efeito, é comum a gente ouvir que toda planta é remédio, tudo é remédio, mas não é assim. O pro



Professora Maria das Graças

fissional de saúde tem que esclarecer a população o que é correto e o que não é, não é toda planta que é remédio, depende do seu princípio ativo e isso é antigo, não é coisa nova”, enfatizou.

A professora aponta que existem duas classificações de medicamentos de plantas: os fitofármacos e os fitoterápicos. Os fitofármacos tem como princípio ativo a molécula pura. Temos o caso dos *Digitalis* que são plantas do Oriente Médio do qual se retira a digoxina que é um medicamento para insuficiência cardíaca, são medicamentos vendidos na farmácia e o seu princípio ativo é isolado. Outro exemplo é a escopolamina que é retirado da *Atropa belladonna*, depois que a indústria tira a substância dessa planta e a modifica, transforma em buscopan. A purificação e o isolamento é muito caro e difícil pois toda essa tecnologia esta nas mãos de indústrias internacionais. A revista Science traz as substâncias naturais mais importantes na clínica hoje, como o quinine, a emetina, a curarina que são usados como adjuvante em cirurgias.

A professora explicou que saponina é retirada do inhame do qual é feito todos os anticoncepcionais. "Sendo assim, pode-se compreender que a indústria farmacêutica tem muitos medicamentos que são usados por ela a partir dos fitofármacos". Ainda de acordo com ela, no Brasil tem uma planta que produz um fitofármaco muito importante que é a Favela. Essa planta é do cerrado encontrada no norte de Minas Gerais, dela extrai a quercetina que é antioxidante. Esta planta é adquirida pela indústria farmacêutica, a Merck/Alemanha/Europa, que extrai o fitofármaco, purifica e exporta para gerar medicamentos para o tratamento de varizes e hemorróidas.

"Durante décadas, a área de plantas era assim, a indústria produzindo fármacos caríssimos, vendendo os medicamentos e o povo desassistido, usando plantas sem nenhuma atenção técnica, cada um falando uma coisa, era algo muito confuso. Na década de 70, ocorreu o fenômeno do uso do Confrei, como uma panacéia, pois a planta que dizem que é bom pra tudo. Então começaram a usar o Confrei para tudo como, unha encravada, dor de cabeça e outros sintomas. Diante desse quadro, começaram a aparecer vários casos de carcinomas hepáticos no mundo. Hoje ainda existem várias panacéias, uma delas é a Babosa, que é usada para a cura do câncer sem nenhuma base científica. Portanto o papel do profissional de saúde será de corrigir esses hábitos errôneos da população quanto ao uso das plantas, uma vez que são detentores do conhecimento" enfatizou.

Maria das Graças descreve que a Organização Mundial de Saúde (OMS) após estudos chegou a conclusão de que 80% da população mundial usa plantas medicinais sem informação científica correta, então começou uma série de estudos de validação e desenvolvimento de medicamentos fitoterápicos, que é um produto que não tem a substância

isolada, como o fitofármaco. Tem vários estudos na PUBMED que apresentam vários profissionais trabalhando com planta, visando desenvolver extratos padronizados, garantindo a segurança, eficácia e qualidade do produto, semelhante a qualquer medicamento.

A pesquisadora alerta para a constante destruição cultural que o país vem sofrendo no que diz respeito à tradicionalidade do uso das plantas medicinais. Atualmente, "o Brasil importa plantas e as nossas não são usadas. A maioria dos medicamentos fitoterápicos registrados pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) não são provenientes de plantas brasileiras", diz Maria Brandão.

## Leitura Recomendada



BRANDÃO, MGL.. Plantas úteis de Minas Gerais e Goiás, na obra dos naturalistas. 1. ed. Belo Horizonte: MHNJB, 2015. v. 1.

# Segunda opinião formativa

## "Como as práticas integrativas podem contribuir para a promoção da saúde?"

**Área:** Ciências da Saúde

**Tema:** Saúde Coletiva

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são recursos terapêuticos que envolvem abordagens e ofertas de novas perspectivas para o indivíduo em relação ao cuidado em saúde, dentro de uma concepção holística (1). De acordo com o Ministério da Saúde (MS), a legitimação e a institucionalização dessas abordagens de atenção à saúde tiveram início no país a partir da década de 80, principalmente após a criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Devido a descentralização e a participação popular os estados e municípios ganharam maior autonomia na instituição de suas políticas e ações em saúde, possibilitando a implantação de experiências pioneiras dessas abordagens(2). Nesta perspectiva, a introdução das PICS no SUS, sobretudo, nos serviços de atenção primária à saúde vem crescendo cada vez mais desde a aprovação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), por meio da Portaria GM/MS nº 971/2006, entretanto, incorporá-las à esses serviços ainda não é uma tarefa muito fácil. Sendo assim, salienta-se a necessidade do incentivo a um amplo processo educativo, político e problematizador que forme profissionais de saúde qualificados para atuar com as PICS. Verifica-se na literatura uma significativa dificuldade para a efetivação das políticas públicas vinculadas às PICS, visto que existem poucas instituições que formem profissionais praticantes sob a orientação de outras racionalidades médicas, em sintonia com os princípios do SUS e da Saúde Coletiva. Neste contexto, torna-se importante considerar que a Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais abriga cur-

**Teleconsultor Conteudista:**

Profa. Dra. Carla Aparecida Spagnol

Departamento de Enfermagem Aplicada EE/UFMG

sos na área de saúde e de gestão em saúde e como agentes formadores devemos considerar que, após 10 anos da criação da PNPIC, o MS por meio da Portaria nº 849 de 27 de março de 2017, incluiu também as seguintes práticas: Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga (3); totalizando 29 PICS no SUS. No âmbito da enfermagem, temos a Resolução Cofen nº570/2018 que institui as especialidades do enfermeiro por área de abrangência, na Enfermagem em Práticas Integrativas e Complementares que inclui: Acupuntura, Fitoterapia, Homeopatia, Ortomolecular, Terapia floral, Reflexologia podal, Reiki, Yoga, Toque terapêutico, Musicoterapia, Cromoterapia e Hipnose(4). Diante destas considerações a proposta de criação da disciplina optativa intitulada: Tópicos em Enfermagem Aplicada II-Gestão e implementação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) no Sistema Único de Saúde (SUS) foi apresentada e aprovada, em 2017, pelo Colegiado de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EE-UFMG) e poderá contribuir sobremaneira para a sensibilização e introdução do conhecimento do tema para os alunos, oportunizando a formação de novos profissionais sensíveis à essa temática.

#### Referências:

Brasil. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. DOU de 28/03/2017 (nº 60, Seção 1, pág. 68). Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Brasília: Ministério da Saúde; 2017. Conselho Federal de Enfermagem. Disponível em: [http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-0570-2018\\_61172.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-0570-2018_61172.html). Acesso em: 24 de junho de 2018. PENNAFORT, V. P. D. S. et al. Práticas integrativas e o empoderamento da enfermagem. Reme – Rev. Min. Enferm. Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 289-295, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/531>. Acesso em: 10 out. 2017. SCHVEITZER, M. C.; SILVA, M. J. P. D.; ESPER, M. V. Práticas integrativas e complementares na atenção primária em saúde: em busca da humanização do cuidado. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 442-451, set. 2012. Disponível em: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo\\_saude/praticas\\_integrativas\\_complementares\\_atencao\\_primaria.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/praticas_integrativas_complementares_atencao_primaria.pdf). Acesso em: 10 out. 2017.

# Cronograma das webconferências

Pré-natal de alto risco	12 dezembro
Política Nacional do Idoso	13 de Dezembro

LINK DE ACESSO: <http://tecnologia.medicina.ufmg.br/noar/nutel/>



## Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (MS)



## Práticas Integrativas na Recuperação de Pacientes com Doenças Crônicas



O filme do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos apresenta as seguintes diretrizes: Promover e reconhecer as práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais e remédios caseiros; Promover a inclusão da agricultura familiar nas cadeias e nos arranjos produtivos das plantas medicinais, insumos e fitoterápicos; Construir e/ou aperfeiçoar marco regulatório em todas as etapas da cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos, a partir dos modelos e experiências existentes no Brasil e em outros países, promovendo a adoção das boas práticas de cultivo, manipulação e produção de plantas medicinais e fitoterápicos e Promover o uso sustentável da

Nesta reportagem do Jornal da GloboNews que foi ao ar no dia 29 de Agosto de 2017, reporta-se da importância das práticas complementares e integrativas de saúde para a recuperação dos pacientes com doenças crônicas graves como o câncer, o HIV, dor crônica, fibromialgia. Neste video, Dr. Vitor Friary é entrevistado falando sobre os benefícios da prática da meditação mindfulness como tratamento coadjuvante e complementar ao tratamento tradicional que esses pacientes já recebem.